

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

COMEMORAÇÕES DOS 150 ANOS DA ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

COM O ALTO PATROCÍNIO  
DE SUA EXCELÊNCIA



*O Presidente da República*

**Comissão de Honra**

Primeiro Ministro

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana

Directora da Biblioteca Nacional de Portugal

Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

Presidente do Centro Nacional de Cultura

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos

---

*Textos*

---



Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# Índice

- 15 Editorial  
José Morais Arnaud

## **1. Historiografia**

- 19 As mulheres na Arqueologia Portuguesa  
Jacinta Bugalhão
- 25 História dos trabalhos arqueológicos no Vale do Rôto (Bombarral)  
Cláudia Manso
- 31 Eduardo da Cunha Serrão, a AAP e o projecto de Estudo da Arte Rupestre do Vale do Tejo  
Francisco Sande Lemos
- 39 Três décadas de escavações em Vila Nova de São Pedro (1937-1967)  
Maria Ribeiro / João Luís Cardoso
- 49 A descoberta do túmulo de São Torpes em 1591  
Ricardo Pereira
- 57 Abel Viana e o mundo funerário romano do Norte Alentejano (Portugal) – perspectivas de uma leitura integrada  
Mónica Rolo
- 65 Alguns aspectos da história da epigrafia do *conventus Pacensis*  
Pedro Marques
- 73 Cerâmica islâmica em Portugal: 150 anos de investigação  
Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio / Constança dos Santos / Catarina Coelho / Marco Liberato / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 81 Arqueologia Urbana em Braga: balanço de 37 anos de intervenções arqueológicas  
Manuela Martins / Luís Fontes / Armandino Cunha
- 89 Arqueologia Urbana em Valença. Metodologias e resultados  
Luís Fonte / Belisa Pereira / Francisco Andrade
- 97 A Arqueologia urbana em Lisboa: análise da actividade arqueológica entre 2006 e 2011 e divulgação patrimonial  
João Araújo / Bernardo Cardoso / Inês Castelo / Giovanni Muccioli / Helena Reis / Sara Ruela
- 103 Estradas de Portugal, SA – Retrospectiva de 18 anos de actividade arqueológica (1995-2013)  
Carlos Ramos

## **2. Estudo, gestão e valorização**

- 113 O registo arqueológico e a produção de conhecimento em Avaliação de Impacte Ambiental  
Gertrudes Branco
- 119 A Avaliação de Impacte Ambiental (AIA) e a actividade arqueológica  
Alexandra Estorninho / João Marques / Ana Nunes
- 127 Os sistemas de Informação Geográfica na Arqueologia Portuguesa  
Célia Gonçalves

- 135 A Carta Arqueológica de Avis. Reflexões sobre o Paleolítico  
Ana Cristina Ribeiro / Maria Margarida Salvador
- 141 Contributo para o conhecimento do concelho de Arraiolos: o projeto LAPA  
Leonor Rocha / Ivo Santos
- 151 Projeto de Investigação: História do Povoamento de Picote (HistPP)  
Daniela Ferreira / Filipe Costa Vaz
- 157 O projeto de investigação arqueológica do Núcleo do Castelo de Leiria:  
enquadramento, objetivos e resultados  
Vânia Carvalho / Isabel Inácio
- 165 Novos dados sobre o povoamento arqueológico na bacia do Rio Sado (Portugal).  
Resultados preliminares das prospeções do projeto SADO-MESO  
Leonor Rocha / Enrique Cerrillo Cuenca / Mariana Diniz / Pablo Arias / Ivo Santos / Raquel  
Licerias Garrido / Sergio Quintero Caballero / Jairo Naranjo Mena / Adara López López
- 171 O que faz falta à arqueologia para ser melhor e mais eficaz: algumas reflexões  
Vitor Oliveira Jorge / Florbela Estevão
- 179 Para a construção de uma Arqueologia Pública: memória e comunicação  
Miguel Lago / Alexandre Sarrazola
- 189 A valorização patrimonial e educativa de sítios paleolíticos: o exemplo da  
Foz do Enxarrique  
Luís Raposo / Silvério Figueiredo
- 197 Parques arqueológicos/culturais – espaços de socialização do Património:  
o caso do Vale do Côa  
José Paulo Francisco
- 205 A valorização do Património Megalítico do Lousal (Grândola)  
Nuno Inácio / Margarida Oliveira / Tânia Ferreira / Lara Alegre
- 213 O Projeto PAVT (Boticas, Portugal). Estudo, Valorização e Divulgação  
de uma Paisagem Cultural  
Luís Fontes / Bruno Osório / Mafalda Alves
- 219 A integração da memória da Mãe d'Água de Mijavelhas na Estação do Campo  
24 de Agosto  
Manuel Teixeira
- 227 Forte de São Lourenço (Olhão): Contributos para a valorização  
do património local  
Fátima Claudino

### **3. Pré-História**

- 233 A utilização do quartzito no Pleistocénico médio em Portugal:  
exemplo do sítio da Ribeira da Ponte da Pedra (Alto Ribatejo)  
Sara Cura / Stefano Grimaldi / Pedro Cura / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek
- 243 Estruturas de habitat do final do Plistocénico Médio em Portugal:  
o caso dos Pegos do Tejo 2, Portas de Ródão, Nisa  
Nelson Almeida
- 251 A indústria lítica do Paleolítico Médio da Lagoa do Bando (Mação, Alto Ribatejo)  
Pedro Peça / Sara Cura / Pedro Cura / Hugo Gomes
- 259 A Gruta da Oliveira (Torres Novas, Portugal): arqueologia, estratigrafia  
e diacronia de uma jazida de referência para o Paleolítico Médio  
da Península Ibérica  
João Zilhão / Diego Angelucci / Thierry Aubry / Ernestina Badal / Jean-Philip Brugal /  
Rui Carvalho / Cristina Gameiro / Dirk Hoffmann / Henrique Matias / João Maurício /  
Mariana Nabais / Alistair Pike / Liliana Póvoas / Daniel Richter / Pedro Souto /  
Erik Trinkaus / Karine Wainer / John Willman

- 269 O Solutrense em Portugal: novidades do século XXI  
João Cascalheira
- 277 A variabilidade regional das indústrias líticas do final do Paleolítico Superior em Portugal  
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Francisco Almeida
- 289 Uma primeira abordagem comparativa aos concheiros em Portugal e Japão – dos últimos caçadores-recolectores aos primeiros produtores de alimentos nos extremos da Eurásia  
Diana Nukushina
- 297 Crise no Mesolítico: Evidências Zooarqueológicas  
Simon Davis / Cleia Detry
- 311 Paisagens partilhadas? Novos dados sobre o povoamento Mesolítico e Neolítico antigo na costa Sudoeste alentejana  
Helena Reis
- 319 Fossas, fornos, silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas produtivas no Neolítico antigo em Portugal  
Mariana Diniz
- 329 O Neolítico Médio no Maciço Calcário Estremenho: estado actual dos conhecimentos e perspectivas de investigação futura  
André Nunes / António Faustino de Carvalho
- 335 Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português  
António Valera
- 345 Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o *Google Earth* como ferramenta de prospecção sistemática  
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro
- 351 Sítios da Pré-história Recente da Ribeira de Enxoé (Serpa): apontamentos acerca da variabilidade das estruturas em negativo  
Lídia Baptista / Sérgio Gomes
- 361 Estratégias de povoamento das comunidades do Neolítico final e Calcolítico no Vale da Ribeira de Alfândão (Ferreira do Alentejo, Portugal)  
César Neves / Andrea Martins / Marco Andrade / Adelaide Pinto / Bruno Magalhães
- 373 Povoado Calcolítico do Porto Torrão – Elementos de adorno  
Miguel Rocha / Paulo Rebelo / Raquel Santos / Nuno Neto
- 379 Povoado Calcolítico do Porto Torrão – Uma inumação em fossa  
Nuno Neto / Miguel Rocha / Raquel Santos / Paulo Rebelo
- 387 Depósitos faunísticos dos enchimentos das estruturas em negativo de planta sub-retangular alongada e em forma de “osso” da Pré-história Recente do interior alentejano  
Cláudia Costa / Sérgio Gomes / Lídia Baptista
- 397 Uma primeira abordagem à cerâmica decorada do 4<sup>o</sup>/3<sup>o</sup> milénio a.n.e. dos povoados de S. Pedro (Redondo)  
Catarina Costeira / Rui Mataloto / Conceição Roque
- 407 O Hipogeu da Barrada: um monumento funerário do Neolítico final / Calcolítico inicial em Aljezur  
Elisabete Barradas / Silvina Silvério / Maria João Silva / Cláudia Santos
- 417 Em torno ao conceito de “necrópole megalítica” na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo, Portugal): monumentos, espaços, paisagens e territórios  
Marco Andrade
- 427 Astronomia e Paisagem no Megalitismo do Norte do País: problemas e perspectivas  
Fábio Silva

- 435 *Ídolomania*: figuras antropomórficas e “ídolos de cornos” do recinto de fossos do Neolítico Final da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora)  
Filipa Rodrigues
- 447 Reflexões em torno das placas de cerâmica com gravuras de Vila Nova de São Pedro (Azambuja)  
José Arnaud
- 457 Componentes de adornos de pedra verde de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): estudo de proveniências e redes de troca no 3º milénio a.n.e. no actual território português  
Carlos P. Odriozola / Ana Catarina Sousa / Rui Boaventura / Rodrigo Villalobos
- 463 Estudo das evidências de produção metalúrgica no Outeiro Redondo (Sesimbra)  
Filipa Pereira / Maria João Furtado / António Monge Soares / Maria Fátima Araújo / Rui Silva / oão Luís Cardoso
- 469 Casal Cordeiro 5 e o povoamento (com) campaniforme na área da Ribeira de Cheleiros  
Ana Catarina Sousa
- 481 O espólio campaniforme do sítio pré-histórico do Freixo (Reguengo do Fetal, Batalha)  
Marco Andrade / Emili Ramos
- 489 O Povoado Pré-Histórico do Murtal (Cascais)  
Paulo Rebelo / Nuno Neto / Raquel Santos
- 495 A Pintura Rupestre Esquemática em Portugal: muitos sítios, mesmas pessoas?  
Andrea Martins
- 507 Abrigo Igreja dos Mouros – Esperança – Arronches no contexto da arte esquemática da Serra de S. Mamede  
Jorge Oliveira / Clara Oliveira
- 515 Um novo abrigo com Pintura Rupestre Esquemática: o Abrigo de Segura, ou como, só se encontra aquilo que se procura  
Andrea Martins / Luís Nobre
- 523 Pigmentos Pré-históricos na Península Ibérica: caracterização e técnicas de produção  
Hugo Gomes / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek
- 527 Trabalhos de Arte Rupestre do Vale do Tejo: cervídeos, análises e resultados  
Sara Garcês
- 537 O santuário rupestre da Várzea Grande (Ourique)  
Mário Varela Gomes / José Malveiro / João Ninitas
- 549 A Arte Rupestre Atlântica: Passado, Presente e Futuro  
Joana Valdez
- 557 Arte Menírica: Comparação Sistemática entre o Alentejo Central e o Barlavento Algarvio  
Elia Goufa

#### 4. Proto-História

- 563 Os metais da Idade do Bronze de Torre Velha 3 (Serpa) e os seus contextos arqueológicos  
Eduardo Porfírio / Miguel Serra / Pedro Valério / António M. Monge Soares / Maria Fátima Araújo / Rui J.C. Silva
- 573 Dinâmicas de interação cultural no Bronze Médio – a cerâmica decorada do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) como estudo de caso  
Elsa Luís

- 581 O Sítio do Corgo. Uma estação da Idade do Bronze em Vila do Conde  
Iva Botelho
- 591 Os Machados Bujões/Barcelos e as Origens da Metalurgia do Bronze  
na Fachada Atlântica Peninsular  
Senna Martinez / Elsa Luís / J. Reprezas, / F. Lopes / E. Figueiredo / M. F. Araújo /  
R. J. C. Silva
- 601 A Arrábida no Bronze Final – leituras e narrativas  
Ricardo Soares
- 609 Estudo de metais e vestígios de produção do povoado fortificado do Bronze  
Final do Outeiro do Circo (Beja)  
Pedro Valério / António Monge Soares / Maria de Fátima Araújo / Rui Silva / Ana Osório /  
Eduardo Porfirio / Miguel Serra
- 617 Afinal havia outra... Testemunhos de uma fase de ocupação mais antiga,  
na Vila de Arraiolos  
Sara Almeida / Ricardo Costeira da Silva / Cidália Matos
- 625 As estelas de Castelões e as representações proto-históricas do poder  
Armando Coelho / João Ribeiro Parente / Maria José Lobato / Raquel Jorge
- 633 Tartessos e Tartéssios, de Estesícoro a Éforo  
Pedro Albuquerque
- 641 Conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro do teatro romano de Lisboa:  
as cerâmicas de engobe vermelho  
Marco Calado / João Pimenta / Lídia Fernandes / Victor Filipe
- 651 A cerâmica de tipo *Kuass* de Monte Molião (Lagos)  
Elisa Sousa / Ana Margarida Arruda
- 661 A Necrópole da Nora Velha 2 (Ourique). Novos dados e interpretações  
20 anos após a sua escavação  
Rui Monge Soares / Artur Martins
- 671 Um depósito fundacional do século II a.C. em Mesas do Castelinho  
(Almodôvar). Uma análise preliminar  
Susana Estrela
- 681 Por um fio: tipologia e função do conjunto de cossoiros de Cabeça  
de Vaiamonte (Monforte/Portugal)  
Teresa Pereira
- 693 Continuidade e mudança nas estratégias agrícolas na Idade do Ferro  
e Época Romana no noroeste peninsular  
João Tereso
- 703 *Vissaium*. A Idade do Ferro em Viseu  
Nádia Figueira / Carla Santos / Sónia Cravo
- 5. Antiguidade Clássica e Tardia**
- 711 O conceito de “romanização” e o panorama académico português  
Vicenzo Soria
- 717 A cerâmica campaniense proveniente dos sítios arqueológicos da cidade  
de Lisboa. Uma abordagem preliminar  
Vanessa Dias
- 727 Ânforas romanas de época imperial de Monte Molião (Lagos): as Dressel 20  
Catarina Viegas / Ana Arruda
- 737 50 anos depois: as ânforas romanas da Praça da Figueira  
Rui Almeida / Victor Filipe

- 747 O fundeadouro romano da Praça D. Luís I  
Jorge Parreira / Marta Macedo
- 755 Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa. Sua abordagem a partir de dois novos equipamentos  
Clementino Amaro / Cláudia Manso / Eurico Sepúlveda
- 765 Teatro Romano de *Olisipo*: a marca do novo poder romano  
Lídia Fernandes
- 775 *A Terra Sigillata* do acampamento militar romano de Alto dos Cacos (Almeirim)  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Henrique Mendes
- 785 O Complexo Mineiro Romano de Tresminas e Jales  
Carlos Batata
- 793 As termas medicinais romanas de Chaves  
Sérgio Carneiro
- 803 O ritual funerário nos *agri olisiponensis*. Novos contributos para a sua caracterização  
Alexandre Gonçalves
- 813 Vidros romanos das necrópoles de Alcácer do Sal em depósito no Museu Nacional de Arqueologia  
Francisco Gomes
- 821 Notícia sobre a cerâmica comum da cidade de *Ammaia*: almofarizes de importação Bética  
Vitor Manuel da Silva Dias
- 827 Uma *insula* em *Vissaium*  
Sónia Cravo
- 835 Caracterização isotópica do Pb em glandes *plumbeae* do Alto dos Cacos (Almeirim)  
Susana Sousa Gomes / Pedro Valério / Maria de Fátima Araújo / António M. Monge Soares / Amílcar Guerra
- 841 Torre Velha 1: uma *villa* na Antiguidade Tardia  
Teresa Ricou / Ana Gonçalves / Consuelo Gómez
- 849 Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, (NARC), Lisboa  
Carolina Grilo / Carlos Fabião / Jacinta Bugalhão
- 859 Enterramentos infantis Tardo-antigos na Rua de São Nicolau (Lisboa)  
Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva
- 865 O Casal Tardo-Romano da Malafaia (Arouca), exemplo de uma modalidade de ocupação romana menos conhecida no Norte de Portugal  
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Manuela C. S. Ribeiro
- 873 A desagregação do comércio Mediterrânico no Baixo-Guadiana Tardo Antigo: análise da *Terra Sigillata* Africana e Foceense tardia  
Edgar Fernandes
- 883 O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia) e a ocupação Tardo-Antiga no Baixo Douro  
António Manuel Silva / J. A. Gonçalves Guimarães
- 895 Um forno Alto-Medieval na *Villa* Romana da Herdade do Pomar/Monte da Ramada 1 (Ervidel)  
Luís Fialho / Consuelo Gómez / Vânia Pirata

## 6. Época Medieval

- 903 Paisagem e povoamento rural no troço médio do vale do Guadiana entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média  
João Marques
- 913 Quinta da Granja 1 (Maiorga, Alcobaça): novos dados sobre o povoamento da Estremadura na Alta Idade Média  
Cristina Gonzalez
- 923 O bairro de *Mādina Yābura*  
Vanessa Filipe
- 931 Rituais Funerários na Necrópole Medieval Islâmica de Beja  
Inês Martins e Raquel Santos
- 937 Silos medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): estruturas e cultura material  
Carlos Boavida / Tânia Casimiro / Telmo Silva
- 947 Aspetos formais, técnicos e culturais do universo cerâmico da Santarém medieval. Uma análise preliminar  
Marco Liberato / Helena Santos
- 955 Um fragmento de *maqabrīyya* mudéjar de Santarém  
Gonçalo Lopes / Helena Santos
- 961 Castelo de Castelo Branco: achados fortuitos nas colecções do Museu Francisco Tavares Proença Júnior  
Carlos Boavida
- 969 A Torre de Anto na história das muralhas da cidade de Coimbra à luz das novas evidências arqueológicas  
Susana Temudo / Luísa Silva
- 979 Estelas Funerárias Medievais, do Distrito de Beja – Formas, Suportes e Iconografia  
José Malveiro
- 987 São João da Pesqueira: Subsídios para o estudo do território medieval  
André Donas-Botto
- 995 Produção monetária em Portugal  
Tiago Gil Curado
- 999 Contributo para o estudo de Monsaraz – Os resultados das escavações arqueológicas no revelim de São João  
Margarida Ataíde

## 7. Época Moderna e Contemporânea

- 1011 Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos  
Artur Rocha / Jessica Repesas / João Miguez / Joana Rosa Inocêncio
- 1019 Prisão do Aljube no séc. XVI – vidros, majólica italiana e cerâmica esmaltada espanhola  
Clementino Amaro / Vanessa Filipe / José Pedro Henriques / Cláudia Manso
- 1025 Redescobrimo a História de Carnide: a Intervenção Arqueológica no Largo do Coreto e Envolvente  
Ana Caessa / Nuno Mota
- 1033 A evolução de um contexto habitacional de Idade Moderna, no Beco das Barrelas, Alfama  
Filipe Oliveira / Vasco Vieira

- 1041 A memória de um espaço urbano - Trabalhos de acompanhamento arqueológico na reabilitação do n.º 2 da Rua da Saudade (Freguesia de Santiago, Lisboa)  
Sara Prata, Diana Dias e Fábian Cuesta-Gómez
- 1049 Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros: um exemplo da Lisboa seiscentista  
André Bargão e Sara Ferreira
- 1057 Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da fossa 7  
Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Mariana Almeida / Carlos Boavida / Dário Neves / Kierstin Hamilton / Carolina Santos
- 1067 Intervenção Arqueológica no Beco do Loureiro  
Raquel Santos, Paulo Rebelo e Nuno Neto
- 1079 A Fonte Setecentista da Quinta de Santo António da Boiça – Olivais Velho (Lisboa)  
António Valongo / Marco Calado
- 1085 A Casa dos Bicos: estudo arqueológico de um espaço e quotidiano palaciano na Lisboa ribeirinha (séculos XVI-XVIII). Análise preliminar  
Inês Pinto Coelho
- 1091 Subsídios arqueológicos para a História da Igreja do Convento do Carmo (Lisboa)  
António Marques / Margarida Bastos
- 1103 Panorama geral do espólio osteológico exumado na necrópole do extinto Hospital Real de Todos os Santos (Lisboa, século XV a XVIII)  
Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro / Sandra Assis
- 1111 A necrópole Medieval/Moderno de Arruda dos Vinhos  
Nathalie Antunes Ferreira / Guilherme Cardoso / Filipa Santos
- 1119 Igreja Matriz do Colmeal (Góis): um espaço sepulcral do século XV ao século XIX  
Rui Pinheiro / Zélia Rodrigues
- 1129 O Castelo de Almeida: origem medieval, reformas manuelinas e reutilização moderna. Balanço de um projecto de investigação e valorização arqueológica  
André Teixeira / Luís Gil
- 1139 Necrópole da Igreja de Nossa Senhora da Pena (Castelo de Leiria) – primeiros resultados  
Vânia Carvalho / Isabel Inácio / Marina Lourenço / Sandra Assis
- 1145 Objectos do quotidiano na pintura de Josepha d’Ayalla. Imaginário ou realidade arqueológica?  
Joana Gonçalves
- 1155 As cerâmicas de importação do Convento de Jesus de Setúbal: majólicas italianas e porcelanas chinesas  
Mariana Brito Almeida
- 1163 O Mercado da Aguardente no Jardim do Marquês do Pombal  
Luís Gomes / Iva Botelho
- 1175 Contributos para uma arqueologia moderna e contemporânea em contextos terrestres do arquipélago dos Açores  
Ana Catarina Garcia / Brígida Baptista

## **8. Paisagens Culturais Ribeirinhas e Marítimas**

- 1185 Entalhes, mechas e cavilhas: evidências de um navio romano na Praça D. Luís I (Lisboa)  
Cristóvão Fonseca / José Bettencourt / Teresa Quilhó
- 1193 Orla ribeirinha de Lisboa: contextos náuticos de Época Moderna (recentes descobertas)  
Alexandre Sarrazola
- 1197 A paisagem cultural marítima da Ria de Aveiro (sécs. XV-XIX): uma primeira abordagem  
Patrícia Carvalho
- 1207 Projecto de Carta Arqueológica do Concelho de Lagos (2006-2010): História e desenvolvimentos  
Tiago Fraga
- 1213 A Paisagem Cultural Marítima de Cascais: o modelo de investigação e de Gestão do Litoral  
Jorge Freire / António Fialho



# Prefácio

No ano em que se comemoram os seus 150 anos de existência, a Associação dos Arqueólogos Portugueses decidiu promover um programa muito diversificado de actividades, para celebrar um passado de que muito se orgulha, mas também para encarar com coragem e determinação um futuro que se afigura especialmente incerto e difícil. Desse programa destaca-se a realização do I Congresso da AAP, organizado em moldes inéditos no meio arqueológico português, com pré-publicação de todos os trabalhos apresentados. Daí resultou um balanço da investigação arqueológica em Portugal, no qual participaram cerca de 250 arqueólogos de todas as gerações.

A maior parte dos autores iniciaram a sua carreira de arqueólogos já no século XXI, beneficiando do crescimento exponencial da actividade arqueológica resultante da criação do Instituto Português de Arqueologia (1997-2004) e de uma série de instrumentos legais que enquadraram e agilizaram a intervenção daquele instituto, podendo por isso integrar-se naquilo que se poderia designar por “geração IPA”. Com efeito, esta obra, que será decerto uma referência incontornável para as próximas gerações, reflecte o crescimento não só quantitativo, mas também qualitativo, da Arqueologia em Portugal, em grande parte devido à concretização no terreno de uma política coerente de salvaguarda, estudo e valorização do património arqueológico.

Daí resultou a necessidade de reescrever todos os manuais, tarefa ainda por realizar, nas suas diversas vertentes, mas também de reorganizar a rede de museus e sítios arqueológicos, para que seja possível partilhar a enorme massa de informação recolhida com a população portuguesa e com os inúmeros visitantes estrangeiros, que procuram em Portugal não só o sol e a praia, mas também as raízes e o património cultural de um dos países mais antigos da Europa.

A concretização de uma obra desta dimensão e qualidade e a sua publicação em tempo útil não teria sido possível sem o cumprimento rigoroso e pontual das normas de publicação pela maior parte dos autores, sem o trabalho de edição e a dedicação da Comissão Executiva e sem o profissionalismo e a criatividade do designer Paulo Freitas.

Esta publicação constitui assim uma afirmação da vitalidade da Arqueologia, dos arqueólogos portugueses e da sua renovada Associação, e uma demonstração da importância estratégica desta área do conhecimento para o desenvolvimento social e económico do país e o reforço da sua identidade, factores que se afiguram de especial importância em épocas de grandes transformações como a que a sociedade portuguesa e o mundo ocidental atravessam. Resta esperar que isso seja reconhecido pelos poderes públicos, e que sejam dadas aos arqueólogos condições para poderem continuar a desenvolver a sua actividade, em benefício do desenvolvimento cultural e económico do país.

José Morais Arnaud

(Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

# A VARIABILIDADE REGIONAL DAS INDÚSTRIAS LÍTICAS DO FINAL DO PALEOLÍTICO SUPERIOR EM PORTUGAL

**Cristina Gameiro** / gameiro.cristina@gmail.com

**Thierry Aubry** / Fundação Côa Parque / taubry@sapo.pt

**Francisco Almeida** / Aboriginal Affairs Victoria. Department of Planning and Community Development / Francisco.Almeida@dpcd.vic.gov.au

## RESUMO

O faseamento interno do Magdalenense português foi inicialmente definido de acordo com os tipos de armaduras e as modalidades de produção de suportes lamelares. A escavação de novos sítios e o desenvolvimento de novas metodologias de análise das indústrias líticas possibilitaram uma revisão da sequência magdalenense da Estremadura e a sua comparação com dados provenientes de outras regiões (Vale do Côa e Bacia do Guadiana). Esse trabalho de revisão dos dados existentes permitiu identificar um aumento progressivo da utilização de núcleos sobre lasca (tipo buril ou raspadeira) para a produção de suportes lamelares. Foi também possível constatar que as diferenças tipológicas existentes entre as armaduras devem-se, sobretudo, a diferenças nas modalidades de transformação dos suportes (retoque). A variabilidade regional identificada deve ser explicada por uma adaptação das populações a contextos geológicos com recurso a matérias-primas líticas diferentes mas este facto não impediu a persistência de opções técnicas comuns durante uma longa diacronia no território actualmente português.

## ABSTRACT

The general chronology of the Portuguese Magdalenian has been previously defined with special focus on bladelet production technology and the typology of bladelet tools. The identification and excavation of new archaeological contexts and the development of new methodologies for stone artefact research has justified our decision to re-evaluate the Estremadura regional sequence and compare it with the data available for other Portuguese regions (namely in the Côa and Guadiana valleys). In spite of having identified a general increase, throughout the Magdalenian, of cores on flake (burin or scraper types) for bladelet production, we have concluded that the typological differences of bladelet production from phase to phase rest essentially on the retouch/blank transformation stage of the operational chains. The regional variability can be explained by an adaptation of local groups to different raw material environments, but some technological options are, nonetheless, maintained for extensive periods of time.

## INTRODUÇÃO

Depois do trabalho de H. Breuil e J. Roche em Portugal, as indústrias paleolíticas foram classificadas e denominadas segundo a sequência clássica do Sudoeste francês, dando a ideia que esta seria semelhante à encontrada em Portugal. No entanto, a raridade da indústria óssea, sobre a qual se basearam as primeiras divisões do Magdalenense (Sacchi, 2003), a ausência de indústrias sobre lâmina e a mi-

niaturização precoce da utensilagem são características fortes dos conjuntos líticos portugueses (e que tornam difícil a sua comparação além Pirenéus). Apesar destas limitações, a nomenclatura francesa foi adoptada pelos arqueólogos portugueses e o termo Magdalenense foi integrado na primeira sequência crono-cultural para o Paleolítico português, apresentada em 1995 (Zilhão, 1997). A fase final do Magdalenense Ibérico, diferente da identificada além Pirenéus, chegou a ser nomeada Altamirense

(Zilhão, 1997, p.259) mas tal designação nunca chegou a generalizar-se. Os faseamentos internos do Magdalenense propostos por J. Zilhão (1997, 1997a), A. Marks (1997) ou N. Bicho (2000) foram definidos pelo tipo de produção lamelar e pelos tipos de armaduras. A identificação de um número elevado de núcleos sobre lasca (Newcomer & Hivernel-Guerre, 1974; Tixier & Turq, 1999), tradicionalmente classificados como tipo buril ou tipo raspadeira e incluídos entre os utensílios, e o retoque de suportes produzidos sobre aresta de lasca (tradicionalmente designados por resíduos de golpe de buril), durante o estudo dos materiais provenientes da camada 3 da Lapa dos Coelhoos (Gameiro, 2003; Gameiro, 2007; Gameiro & Almeida, 2004), alertou para a necessidade de utilização de uma nova terminologia e uma nova metodologia de análise. Um novo olhar sobre colecções antigas ou sítios recentemente escavados deveria partir do estudo da debitage lamelar e seria primordial verificar se os diferentes tipos de armaduras, que servem de base ao faseamento crono-cultural, apresentam diferenças puramente tipológicas, ou seja, que dizem respeito somente à fase de transformação dos suportes, ou se as diferenças se encontram em todo o processo de fabricação, debitage incluída. Para esse efeito, seria necessário proceder à observação dos núcleos lamelares (rever as peças classificadas como utensílios) e a uma descrição detalhada das lamelas retocadas, descrevendo os suportes (presença ou não de lamelas de buril) e as modificações dadas pelo retoque (modificação da largura do suporte, posição e tipo retoque, bordos paralelos ou procura de produtos apontados) (Gameiro & Almeida, 2004, Gameiro, 2007).

## A PERTINÊNCIA DE UMA ABORDAGEM REGIONAL

De acordo com o contexto que acabámos de descrever e no âmbito de um trabalho académico<sup>1</sup> empreendemos uma revisão da sequência crono-cultural definida para o Tardiglacial da Estremadura portuguesa. A identificação de novos sítios arqueológicos, que constituem *novos documentos* (Bon, 2002) e o desenvolvimento de novas metodologias de

1. Tese de Doutoramento apresentada por C. Gameiro em Março de 2012 à Universidade de Paris 1 – Panthéon-Sorbonne orientada por Nicole Pigeot e tendo como tutor Boris Valentin.

análise<sup>2</sup> (Christensen & Valentin, 2004) legitimaram e alicerçaram este trabalho. A nossa problemática de partida foi, à luz dos conhecimentos actuais, confirmar ou revogar o faseamento proposto anteriormente para a Estremadura, analisando as colecções líticas provenientes do nível inferior e superior do Cabeço de Porto Marinho I (Rio Maior), das camadas 3 e 4 da Lapa dos Coelhoos (Torres Novas) e das camadas 3 e 4 do Abrigo 1 de Vale de Covões (Soure) (Figura 1).

Paralelamente, a identificação de sítios localizados noutras áreas regionais (Vale do Côa, Bacia do Guadiana, Algarve e mais recentemente vale do Sabor) permitiu uma análise comparativa inter-regional e levantou outras questões: A sequência crono-cultural definida para a Estremadura poderia ser generalizada ao resto do país? As eventuais diferenças identificadas no Vale do Côa e na Bacia do Guadiana poderiam ser explicadas pela ausência de sílex e a utilização maioritária de matérias-primas locais? Responder a estas duas questões tornou-se a nossa problemática subsequente e motivou o estudo de materiais líticos provenientes da camada 4 do Fariseu (Vale do Côa) e dos conjuntos provenientes da Malhada do Mercador I-SW e Monte da Ribeira 9 (ambos na Bacia do Guadiana). Tendo em conta a tradição da investigação nacional<sup>3</sup> e os diferentes tipos de substrato litológico optámos por estruturar o trabalho regionalmente e tentar compreender a evolução e a variabilidade inerente a cada região (Estremadura, Vale do Côa e Bacia do Guadiana). Em relação aos sítios situados na Bacia do Guadiana a ausência de datações absolutas obrigava a uma análise comparativa das colecções líticas por forma a confirmar as cronologias preliminarmente apontadas. O objectivo final deste trabalho consistiu em definir as características de continuidade do sistema técnico, ou seja, identificar o conjunto de traços culturais comuns durante uma longa diacronia (16 000 – 10 000 BP) e paralelamente identificar a variabilidade cronológica e/ou regional avançando explicações para essa variabilidade.

2. A metodologia utilizada foi apresentada em Gameiro, 2007.

3. Os vazios observáveis na Fig.1 correspondem, seguramente, a desertos artificiais explicados pela ausência de prospecções direccionadas para a identificação de sítios com esta cronologia.

## OS CARACTERES TECNO-ECONÓMICOS COMUNS ENTRE 16 000 E 10 000 BP

### Fase aquisição das matérias-primas

Independentemente do substrato geológico regional o aprovisionamento em matérias-primas é essencialmente local e entre 80 e 99% das matérias-primas utilizadas foram recolhidas num raio igual ou inferior a 5 km (Gameiro, 2012). No entanto, mesmo em regiões desprovidas de sílex e onde o uso do quartzo e do quartzito é maioritário, ocorreu sempre utilização de matérias-primas siliciosas que afloram em filões muito circunscritos, como é o caso das silicificações perifilonianas e silcretos do Vale do Côa (Aubry, 2009; Gameiro, 2012) e do lidito e os jaspes na Bacia do Guadiana (Almeida, 2013; Gameiro, 2012). Este facto traduz um conhecimento preciso do ambiente geológico regional por parte dos grupos humanos que o habitaram. Paralelamente, o sílex alóctone está sempre presente e no caso do Côa provém de regiões a mais de 150km (Aubry, 2009; Aubry *et al.*, 2012). Os materiais líticos recolhidos nos sítios da Bacia do Guadiana não foram alvo de estudo petrográfico mas a análise macroscópica efectuada permitiu identificar sílex com características (grão, estrutura e cor) semelhantes ao sílex cenomaniano da Estremadura (Gameiro, 2012). Na Estremadura, e próximo de fontes de aprovisionamento de sílex de grande qualidade, identificámos o transporte de sílex, proveniente de territórios situados a mais de 30km de distância. Mesmo que em quantidades muito reduzidas (0,13 ou 0,27%, respectivamente, para o nível inferior e superior de Cabeço de Porto Marinho I, situado a menos de 5km de sílex de excelente qualidade), este transporte está sempre documentado e permite identificar territórios de exploração de recursos ou trocas entre grupos humanos (Zilhão, 1997; Aubry *et al.* 2012; Gameiro, 2012).

### Fase de produção dos suportes

Em todos os conjuntos líticos estudados a debitage foi orientada para a produção de lascas e lamelas. A produção intencional de lâminas é praticamente inexistente e a maioria dos suportes classificados como tal foram provavelmente produzidos durante uma fase inicial de debitage lamelar. A debitage intencional de pequenas lascas/esquirolas, frequentemente obtidas por debitage bipolar sobre bigorna, encontra-se atestada e é frequente

em contextos com utilização maioritária de quartzo (Vale do Côa e Bacia do Guadiana). Os volumes foram escolhidos antevendo a possibilidade de utilização da sua morfologia e das suas superfícies naturais. Qualquer que seja a matéria-prima e o tipo de suporte visado, as modalidades de preparação dos volumes são sempre simples: a técnica de crista é raramente utilizada e são escolhidos diedros naturais ou frequentemente arestas de uma lasca para iniciar a debitage (cf. Fig.2). Os planos de percussão são raramente facetados. Frequentemente uma face plana natural do volume é utilizada como plano de percussão e por vezes o levantamento de uma grande lasca cria uma superfície regular a utilizar como plano de percussão. Em geral, a reduzida dimensão dos volumes e a fraca recorrência das séries de debitage não exigem operações de manutenção das convexidades propícias ao talhe. A debitage é tendencialmente unipolar. A exploração intensa da matéria-prima conduz a núcleos de dimensões muito reduzidas (por vezes inferiores a 2cm) e origina núcleos com várias superfícies de debitage e vários planos de percussão mas estes são sempre sucessivos (opostos ou cruzados) ou do tipo principal-secundário (Figuras 2 a 5).

### Fase de transformação dos suportes

As lascas constituem sempre a categoria principal entre os suportes dos utensílios retocados. As raspadeiras representam entre 15% a 20% da utensilagem retocada. Em geral dominam os tipos finos sobre lasca ou os unguiformes. No entanto, em regiões onde o quartzo é maioritário as raspadeiras espessas são mais numerosas. O grupo da utensilagem comum (raspadores, denticulados, entalhes e peças esquiroladas<sup>4</sup>) representa habitualmente uma percentagem apreciável entre os 10% e os 45%. A categoria das lamelas retocadas constitui sempre uma parte muito importante da utensilagem, não só em termos quantitativos (entre 13% e 38%) mas igualmente devido ao cuidado aplicado durante a fase de produção dos suportes e de posterior retoque.

### Fase de utilização dos utensílios

A proporção dos diferentes grupos de utensílios pode ser utilizada para avançar hipóteses sobre a

4. A problemática distinção entre peças esquiroladas e núcleos bipolares sobre bigorna foi já apresentada (cf. Gameiro, 2009).

funcionalidade dos sítios de habitat: elevadas percentagens de utensílios «domésticos» podem corresponder a acampamentos residenciais enquanto elevadas percentagens de armaduras podem estar relacionadas com actividades cinegéticas. Apenas para a Estremadura podemos avançar dados sobre o papel e funcionalidade dos sítios. Cabeço de Porto Marinho corresponderá a um sítio de cariz residencial e Lapa dos Coelhoos e Abrigo 1 de Vale de Covões deverão tratar-se de acampamentos temporários relacionados com a exploração de recursos. No Vale do Côa, a relação entre os sítios de habitat e a arte levanta outro tipo de questões<sup>5</sup>. Dispomos apenas de dados parciais resultantes da análise traceológica dos materiais do Abrigo 1 de Vale de Covões (Aubry & Igreja, 2008) e de algumas informações pessoais de Marina Igreja, no entanto, a observação macroscópica das fracturas presentes nas armaduras permitiram identificar, ao longo de toda a diacronia de ocupações, alguns estigmas<sup>6</sup> da sua utilização como ponta de projectil. As lamelas de morfologia rectangular e bordos rectilíneos são mais comuns em fases antigas do Magdalenense enquanto as pontas microlíticas se tornam mais numerosas no Magdalenense Final. Estes factos podem significar uma alteração no armamento compósito. Para as fases mais antigas as extremidades do armamento poderiam ter sido produzidas recorrendo a elementos vegetais perecíveis, sendo as barbelas líticas armadas apenas lateralmente, ou utilizadas encabadas como utensílio de gume lateral. Uma percentagem mais significativa de pontas poderá significar a utilização de material lítico para as duas partes do armamento compósito. De momento não dispomos de dados para interpretar este facto como resultante de alterações de técnicas de caça, até porque os dados disponíveis para a fauna indicam um aumento progressivo de consumo de animais de pequeno porte<sup>7</sup> (Gabriel & Bearez, 2009; Haws, 2011) cuja captura não necessitaria de armamento complexo. Depois desta enumeração de características comuns que revelam a continuidade de opções técnicas e comportamentos contantes durante uma longa diacronia,

---

5. Algumas hipóteses foram já avançadas (cf. Aubry, 2009; Gameiro, 2012) e serão desenvolvidas noutra âmbito.

6. Segundo as fracturas diagnósticas de impacto publicadas por Christensen e Valentin (2004, p.130).

7. Informação pessoal de Sónia Gabriel e Simon Davis a quem agradecemos.

propomo-nos a colocar em evidência alguns aspectos da variabilidade diacrónica e regional.

## A VARIABILIDADE DIACRÓNICA E REGIONAL

A existência de lacunas estratigráficas entre 18 000 e 16 000 BP e entre 14 000 e 12 500 BP (Zilhão, 1997) torna mais difícil compreender as dinâmicas inerentes à variabilidade diacrónica da utensilagem lítica utilizada pelos grupos que habitaram o território hoje português durante o Tardiglacial. Os sítios datados do Magdalenense antigo são raros, o Magdalenense médio continua por caracterizar e a maioria dos sítios conhecidos situam-se no espectro de datações indicada para o Bolling/Allerod e o Dryas III<sup>8</sup>. Apenas catorze sítios possuem datações radiométricas atribuíveis ao Tardiglacial e destes onze situam-se na Estremadura, dois no vale do Côa e um no Algarve (cf. Figuras 6 e 7).

De momento os dados disponíveis parecem confirmar o faseamento proposto por J. Zilhão (1997). No entanto, pensamos que se torna urgente reavaliar os materiais provenientes do Olival Fechado (Silva, 2003), um dos poucos sítios com uma cronologia próxima dos 13 500 BP e confirmar a datação da sequência de base do Abrigo 1 de Vale de Covões (UE5-UE8b), com recurso ao método da luminescência. Estes dois contextos, aos quais poderíamos audaciosamente juntar a camada 4 da Lapa dos Coelhoos (e talvez Vascas e Vale da Mata) podem constituir uma fase distinta do Magdalenense superior, mas são susceptíveis de documentar os resquícios de uma tradição técnica anterior ao Magdalenense superior e que nunca foi caracterizada devido ao hiato estratigráfico correspondente ao Magdalenense médio. As colecções líticas provenientes destes sítios apresentam sempre uma percentagem elevada de microgravettes, cujos suportes são obtidos através da exploração de núcleos sobre lasca (tipo buril), e uma produção laminar independente. Os materiais do nível superior de Cabeço de Porto Marinho I podem corresponder a uma acumulação de materiais durante um longo período e o conjunto atribuível ao Magdalenense superior poderá incluir, igualmente, materiais do Magdalenense final, facto

---

8. A recente identificação de mais três sítios, provavelmente com esta cronologia, na região de Leiria reforça esta tendência (Andrade, Matias & Garcia, 2013).

que pode explicar a maior diversidade da tipologia das armaduras no nível superior deste sítio. Se recuarmos a cronologia dos sítios onde aparece um número significativo de microgravettes/pontas de dorso produzidas sobre lamela de buril (Olival Fechado, Abrigo 1 de Vale de Covões (UE5-UE8b), camada 4 da Lapa dos Coelhoos, Vascas e Vale da Mata) as características definidas para o Magdalenense superior sobrepõem-se às características definidas para o *fácies* Rossio do Cabo do Magdalenense final. Assim sendo, a fase designada como Magdalenense final, *fácies* Rossio do Cabo poderia ser eliminada uma vez que as verdadeiras mudanças só se produzem cerca de 10 500 – 10 000 BP, ou seja, durante o Magdalenense final de *fácies* Carneira (Zilhão, 1997). A utilização de núcleos sobre lasca não foi identificada na camada 4 do Fariseu (Vale do Côa) e nos sítios da Bacia do Guadiana (Malhada do Mercador I e Monte da Ribeira) não atinge as proporções registadas nos sítios da Estremadura. Nestas duas regiões a utilização maioritária do quartzo para a produção de pequenos suportes microlíticos (lamelas e esquírolas) justifica o recurso à debitação bipolar sobre bigorna, eficaz nestes casos. Paralelamente, documentámos no Fariseu a utilização de cristais em quartzo hialino para a produção lamelar (Gameiro, 2009 & 2012), estratégia já identificada na região durante as várias fases do Gravettense (Aubry, 2009; Klaric, 2009). Na Bacia do Guadiana, a reduzida presença deste tipo de estratégia pode, no caso do Monte da Ribeira 9 ter uma explicação cronológica. O conjunto lítico recuperado apresenta algumas características que nos levam a atribuir uma cronologia anterior (Magdalenense antigo ou superior) à do sítio vizinho da Malhada do Mercador 1-SW (Gameiro, 2012). Paralelamente, nesta região, o lidito e jaspes, por vezes recolhidos sob a forma de pequenas plaquetas, também foram explorados desta forma: a partir de uma aresta/diedro natural (Gameiro, 2012; Almeida *et al.* 2013). Pensamos que esta utilização de arestas/diedros naturais, apenas preparando o plano de percussão, pode atestar o mesmo conceito técnico: uma preparação mínima dos volumes a debitar para uma rentabilização máxima de um pequeno volume facilmente transportável.

Apenas dispomos de comparação inter-regional para sítios datados do Magdalenense Final (cf. Fig. 8). No entanto, face ao que acabámos de expor, a variabilidade dos recursos litológicos aptos ao talhe está na origem da variabilidade regional do equipamento

dos últimos caçadores-recolectores do Tardiglacial do território actualmente português. A utilização de matérias-primas locais condiciona as opções técnicas mas existem sempre características comuns e conceitos base identificáveis nos esquemas operatórios de redução lítica analisados.

## CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS DE ANÁLISE FUTURA

A utilização de núcleos sobre lasca (tipo buril ou raspadeira carenada) aumentou progressivamente entre 16 000 e 10 000 BP. A utilização desta estratégia de debitação permite uma produção eficiente de lamelas mais longas, estreitas mas espessas, de perfil rectilíneo e naturalmente apontadas. Este aumento foi acompanhado por um crescimento na variedade das armaduras. Algumas poderiam ser encabadas como barbelas laterais e outras como pontas de projectil. As pontas microlíticas tornam-se progressivamente mais numerosas. Há uma grande versatilidade na fase de produção dos suportes mas é a transformação pelo retoque que origina os tipos identificados: a lamela é formatada segundo a concepção mental do artesão (Figura 9).

Em colecções onde se identifiquem lamelas de buril retocadas é urgente retirar das listas tipológicas peças classificadas como buris ou raspadeiras mas que, no entanto, foram utilizadas como núcleos. A adopção dos conceitos, mais genéricos, de núcleo sobre lasca ou debitação sobre aresta de lasca facilitaria o trabalho de comparação entre sítios estudados por diferentes investigadores. Como critérios para esta substituição terminológica poder-se-á utilizar: a existência de lamelas de buril<sup>9</sup> retocadas, a existência de negativos de dimensão lamelar provando a sua utilização como núcleo, a ausência de um bisel definido (no caso dos buris) ou a ausência de um retoque fino ou um massacre na frente (no caso das raspadeiras). As peças duvidosas deverão ser encaminhadas para análise traceológica ou descritas à parte, considerando sempre a hipótese de uma dupla-utilização (núcleo e utensílio). No caso da transformação pelo retoque dos suportes produzidos sobre aresta de lasca defendemos, igualmente, a utilização da designação lamela de buril uma vez que não se trata de um «resíduo» como a denomi-

9. Identificáveis pela presença de vestígios da face inferior da lasca de onde foram extraídas.

nação tradicional sugere. Apenas a análise de conjuntos lamelares numerosos permitirá identificar os tipos produzidos intencionalmente, excluir as peças abandonadas em curso de fabrico e assim eliminar os «falsos tipos» que muitas vezes são incluídos em tabelas tipológicas. Apenas desta forma será possível o estabelecimento de um faseamento mais fino da sequência cronológica magdalenense.

Por outro lado, é imperativo proceder a novas datações absolutas e confirmar a cronologia do Olival Fechado (Silva, 2003) e do Abrigo 1 de Vale de Covões de forma a confirmar se esta fase caracterizada por barbelas de tipo microgravette corresponde a uma subdivisão (talvez de cariz funcional) do Magdalenense superior ou se faz parte de uma tradição tecnológica típica do Magdalenense médio (tecnologicamente desconhecido até à data) que sobrevive, nalgumas regiões, até cerca de 12 500 BP.

Seria importante delinear um projecto de prospecção, ancorado em dados geomorfológicos e orientado para a identificação de sítios arqueológicos com longas sequências estratigráficas. É vital identificar contextos estratigráficos, que permitam datações absolutas e caracterizar as indústrias líticas situadas no intervalo entre 15 000 e 12 500 BP. Sendo a fase correspondente ao Magdalenense final a melhor conhecida em território nacional seria interessante melhor documentar a sobrevivência, ou não, destas indústrias durante o Holocénico e compreender a relação entre as variabilidade técnica e as alterações climáticas deste período. Seria igualmente importante empreender um programa de comparação com as colecções Azilenses do Norte da Península Ibérica. Apenas o desenvolvimento das linhas de análise que aqui enumerámos poderá confirmar ou alterar as interpretações entretanto avançadas e permitirão uma melhor compreensão da evolução cultural do Magdalenense no território actualmente português.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é baseado nos resultados obtidos na elaboração de uma tese de doutoramento dirigida por Nicole Pigeot foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRA/BD/6709/2001). Agradecemos a Boris Valentin, Laurent Klaric, Ana Cristina Araújo e João Zilhão o apoio, comentários e sugestões durante todo o processo. A Henrique Matias, Marina Araújo Igreja, Simon Davis e Sónia Gabriel agradecemos a cedência de dados inéditos.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, F.; GAMEIRO, C.; PEREIRA, T.; QUELHAS, A. (2013) – O Paleolítico Superior. In ALMEIDA, F. (Dir.) – *Testemunhos do Paleolítico no Regolho do Alqueva. Resultados do Bloco 1 do Plano de Minimização de Impactes*. EDIA/DRCALEN, [s.l.], pp. 93-245.

ANDRADE, M.; MATIAS, H.; GARCIA, M. (2013) – *Under Pressure*. Remontagens de pedra lascada no contexto de intervenções de emergência: o caso dos sítios do Tardiglacial da área de Leiria. *Arqueologia & História*, 62-63, pp. 39-50.

AUBRY, T. (2009) – *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR (Trabalhos de Arqueologia 52).

AUBRY, T.; IGREJA, M. A. (2008) – Economy of lithic raw materials during the Upper Paleolithic of the Côa Valley and the Sicó Massif (Portugal): technological and functional perspectives. In IGREJA, M.; CLEMENTE-CONTE, I. (eds.) – *Workshop «Recent functional studies on non-flint stone tools: Methodological Improvements and archaeological inferences»*, Lisboa, pp. 1-25.

AUBRY, T.; LUÍS, L.; MANGADO LLACH, J.; MATIAS, H. (2012) – We will be known by the tracks we leave behind: exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*, 31, pp. 528-550.

BICHO, N. (2000) – *Technological change in the final Upper Palaeolithic of Rio Maior*, Tomar: ARKEOS (8).

BON, F. (2002) – *L'Aurignacien entre mer et océan. Réflexion sur l'unité des phases anciennes de l'Aurignacien dans le sud de la France*. Paris: Mémoire de la Société Préhistorique Française.

GABRIEL, S.; BÉAREZ, P. (2009) – Caçadores-pescadores do Vale do Côa: os restos de fauna do sítio do Fariseu. In AUBRY, T. ed. – *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR (Trabalhos de Arqueologia 52), pp. 331-339.

GAMEIRO, C. (2003) – *L'industrie lithique de la couche 3 de Lapados Coelhos (Torres Novas, Portugal). L'usage des matières premières et la spécificité du débitage lamellaire dans le Magdalénien final de L'Estremadura portugaise*. [Tese de DEA apresentada na Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne exemplar policopiado].

GAMEIRO, C. (2007) – Bladelet debitage and microlith production during the Portuguese Tardiglacial. Presentation of a program for the revision of the available data. *From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic shore: papers in honor of Anthony Marks*. *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Universidade do Algarve: Faro, pp. 173-184.

GAMEIRO, C. (2009) – Utensílios e suportes microlíticos do Magdalenense final no Vale do Côa: o exemplo da U.E. 4 do Fariseu. *in* AUBRY, T. ed. – *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR (Trabalhos de Arqueologia 52), pp. 256-268.

GAMEIRO, C.; ALMEIDA, F. (2004) – A ocupação da camada 3 da Lapa dos Coelhoos (Casais Martanes, Torres Novas). Novos elementos sobre a produção de suportes lamelares durante o Magdalenense Final da Estremadura Portuguesa. *Promontoria*. 2: 22, pp.193-238.

GAMEIRO, C.; AUBRY, T.; ALMEIDA, F. (2008) - L'exploitation des matières premières au Magdalénien Final en Estremadura portugaise: données des sites de Lapa dos Coelhoos et del'Abrigo dos Covões. *In* AUBRY, T.; ALMEIDA, F.; ARAÚJO, A. C.; TIFFAGOM, M. (ed.) – *Espace et temps: Quelles diachronies, quelles synchronies, quelles échelles? Proceedings of the UISPP meeting (4-9 Setembro, Lisboa, 2006)*. BAR International Series 1831. Oxford, pp.57-67.

HAWS, J., (2011) – Paleolithic socionatural relationships during MIS 3 and 2 in central Portugal. *Quaternary International*. doi: 10.1016/j.quaint.2011.10.003.

KLARIC, L. (2009) – Les systèmes de production de supports d'armatures et leur place dans la gestion de ressources lithiques: une voie privilégiée pour la compréhension des sociétés gravettiennes de la Vallée du Côa. *In* AUBRY, T. ed.

– *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR (Trabalhos de Arqueologia 52), pp.247-256.

MARKS, A; MISHOE, M. (1997) – The Magdalenian of Portuguese Estremadura. *In* FULLOLA, J.; SOLER, N. Eds. – *El món mediterrani després del pleniglacial (18 000-12 000)*. Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 225-232.

NEWCOMER, M.; HIVERNEL-GUERRE, F. (1974) – Nucléus sur éclat: technologie et utilisation par différentes cultures préhistoriques. *B.S.P.F.*, 71, pp.119-127.

SACCHI, D. (2003) – *Le Magdalénien. Apogée de l'art quaternaire*. Tours : La maison des roches.

SILVA, C.M. (2003) – *O Olival Fechado no contexto peninsular*. [Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa].

TIXIER, J.; TURQ, A. (1999) – KOMBÉWA *et alii*. *Paleo*. 11, pp.135-143.

ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa: Ed. Colibri.

ZILHÃO, J. (1997a) – The Paleolithic settlement of Portuguese Estremadura after the last glacial maximum. *In* FULLOLA, J.; SOLER, N. Eds. – *El món mediterrani després del pleniglacial (18 000-12 000)*. Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya , pp. 233-242.

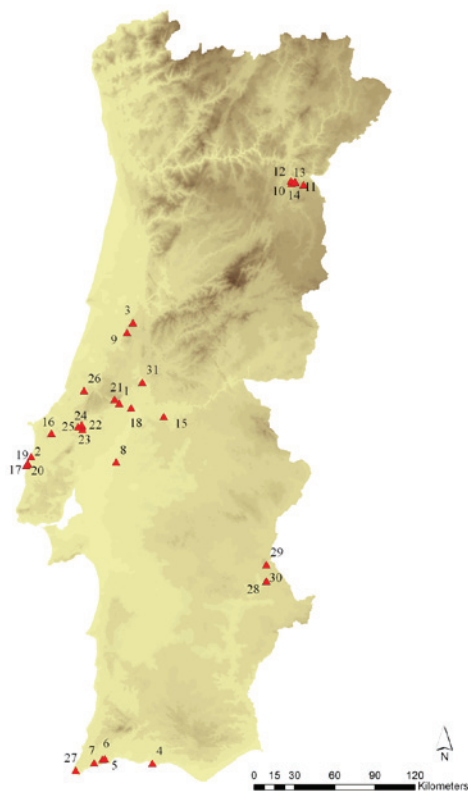


Figura 1 – Localização de sítios magdalenenses (cronologia indiferenciada): Vale do Côa: 10 - Cardina I e II; 11 - Ínsula; 12 - Quinta da Barca Sul; 13 - Fariseu; 14 - Olga Grande 4; Estremadura: 1 - Lapa dos Coelhoos; 2 - Rossio do Cabo; 3 - Abrigo 1 de Vale Covões; 8 - Pinheirocas 2; 9 - Buraca Grande; 15 - Cadoiças; 16 - Lapa do Suão; 17 - Báio; 18 - Bairrada; 19 - Cerrado Novo; 20 - Vale da Mata; 21 - Lapa do Picareiro; 22 - Vascas; 23 - Carneira e Pinhal da Carneira; 24 - Cabeço de Porto Marinho; 25 - Abrigo Grande das Bocas; 26 - Olival Fechado; 31 - Caldeirão; Bacia do Guadiana: 28 - Monte da Ribeira; 29 - Malhada do Mercador; 30 - Chancudos 3; Algarve: 4 - Praia da Galé; 5 - Monte do Januário; 6 - Cruz da Pedra; 7 - Vale Boi e 27 - Vale Santo 4 (A sublinhado= grutas e abrigos. Mapa realizado por A. Lucena segundo a base de dados Endovélico (IPA/IGESPAR)).

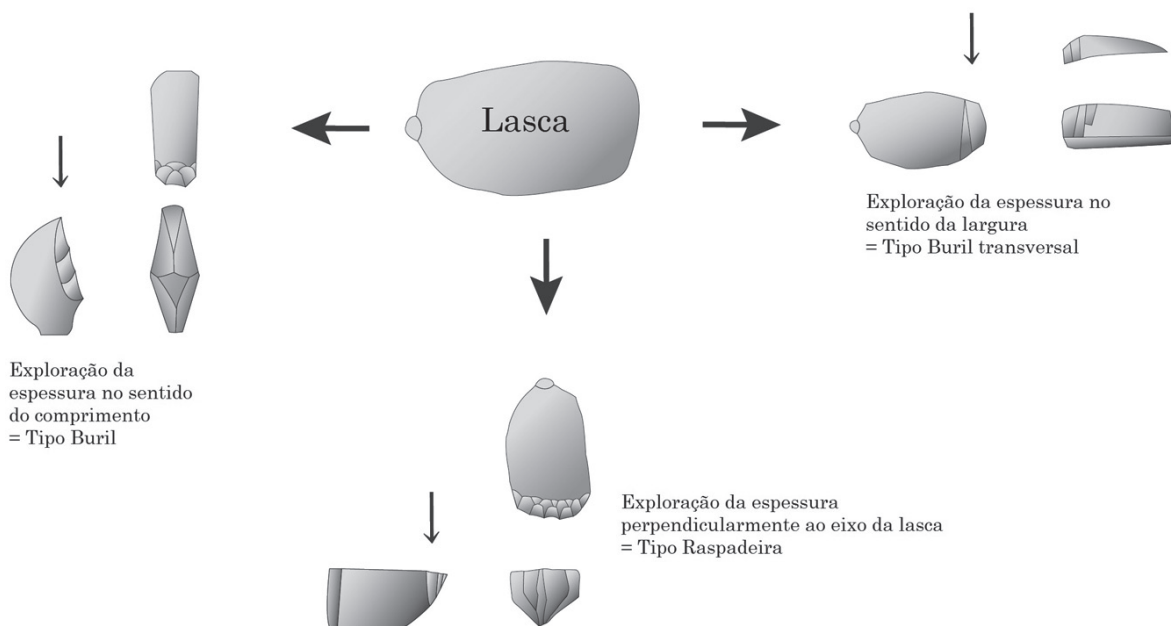


Figura 2 – Vocabulário descritivo proposto para núcleos sobre lasca (esquema realizado por C. Gameiro e M. Costa).



Figura 3 – Núcleo sobre lasca (exploração longitudinal) da camada 4 da Lapa dos Coelhos (Foto J. P. Ruas).



Figura 4 – Núcleo sobre lasca (exploração transversal) do nível superior (upper) do Cabeço de Porto Marinho 1 (Foto J. P. Ruas).



Figura 5 – Núcleo sobre lasca (exploração transversal) do nível superior (upper) do Cabeço de Porto Marinho 1 (Foto J. P. Ruas).

Sítio	Camada	Ref. Laboratório	Amostra	Date BP
Abri 1 Vale de Covões	4	Beta-201014	Micro-carvão	10 020±40
Abri 1 Vale de Covões	5	Beta-201013	Osso	12 340±50
Abri 1 Vale de Covões	5	UA33479	Osso	10 540±95
Abri 1 Vale de Covões	7	UA33480	Osso	9 725±75
Abri 1 Vale de Covões	8b	UA33481	Osso	9 315±90
Abri 1 Vale de Covões	8b	UA24593	Osso	10 010±90
Abri 1 Vale de Covões	8b	UA33482	Carvão	12050±70
Abri 1 Vale de Covões	8b	Gif-12080	Carvão	12 220±24
Lapa dos Coelhos	3	GrN-18376	Frag. osso – <i>Cervus elaphus</i>	
Lapa dos Coelhos	4	GrN-18377	Carvão – <i>Pinus sylvestris</i>	
CPMI	Lower	ICEN-542	Carvão – lareira	15 820±400
CPMI	Lower	SMU-2015	Carvão	16 340±420
CPMI	Upper	SMU-2011	Carvão	11 680±60
CPMI	Upper	ICEN-687	Carvão	12 220±110
CPMII	Middle	SMU-2476	Carvão	15 410±195
CPMIIs	Lower	SMU-2668	Carvão	14 050±850
CPMIIs	Lower	WK-3127	Carvão	15 040±210
CPMIIs <sub>sw</sub>	Lower	WK-3126	Carvão	16 180±290
CPMVI	Lower	SMU-2634	Carvão	15 420±180
Bocas 1	Fundo	ICEN-901	Osso	10 110±90
Bocas 1	0+	ICEN-900	Osso – <i>Bos primigenius</i>	9 880±220
Bocas 1	1	ICEN-903	Cerastoderma sp.	10 260±70
CPMII	Upper	SMU-2637	Carvão	11 110±130
CPMIII	Upper	ICEN-545	Carvão	11 160±130
CPMIIS	Middle	ICEN-689	Carvão – lareira	11 810±110
CPMIIT	Upper	ICEN-690	Carvão – lareira	10 940±210
CPM VI	Lower	SMU-2634	Carvão	15 420±180
CPM VI	Middle	SMU-2636	Carvão	10 160±80
Pinhal da Carneira	4	SMU-2635	Carvão – lareira	10 880±90
Buraca Grande	9	OxA-5522	Baguette demi-ronde	13 050±100
Buraca Grande	GC2	Gif-96307	Frag. Osso	11 390±110
Caldeirão	Eb	ICEN-72	Osso	10 700±380
Caldeirão	Eb	ICEN-70	Osso	14 450±890
Caldeirão	Fa	ICEN-69	Osso	15 170±740
Lapa do Picareiro	G	OxA-5527	Carvão – <i>Pinus</i>	12 320±90
Lapa do Picareiro	E-Middle	Wk-5431	Carvão	11 700±120
Lapa do Picareiro	E-Lower	Wk-4218	Carvão	11 550±120
Lapa do Picareiro	F	Wk-4219	Carvão	11 780±90
Lapa do Picareiro	F	Wk-6677	Carvão	12 210±60
Olival Fechado	2	Beta-179279	Charvão – <i>Pinus sylvestris</i>	13 460±80
Galeria da Cisterna	3	GrA -9722	Osso	10820±60
Galeria da Cisterna	3	OxA-11129	Falange – <i>Capra sp.</i>	11755±80
Fariseu	4	GX-32147-MAS	Dente incisivo de camurça	8 930±80
Fariseu	4	Beta -213130	Frag. Osso	10 510±40
Fariseu	4	Ua-32645	Frag. Osso	9 830±130
Fariseu	9	GrA -40167	Carvão	19 020±80

Figura 6 – Totalidade das datas de radiocarbono para o Tardiglacial português.

Sítio	Camada	Método	Material	Idade Ka
Quinta da Barca Sul	3 (UA8)	TL	Quartzito queimado	11,9±1,1
Quinta da Barca Sul	3 (UA7)	TL	Quartzito queimado	11,6±1,2
Quinta da Barca Sul	3 (UA5)	TL	Quartzito queimado	12,7±1,0
Fariseu	4b	TL	Quartzito queimado seixo -17	11±1,1
Fariseu	4c	TL	Quartzito queimado seixo -2	10,8±1,7
Fariseu	4e	TL	Quartzito queimado seixo -8	11,8±9
Fariseu	6	OSL	Sedimentos - sedc6	15,2±1,6
Fariseu	7	TL	Quartzito queimado seixo -24	13,7±1
Fariseu	7	TL	Quartzito queimado seixo -9	14,3±1,1
Fariseu	8	OSL	Sedimentos - sedc8	18,4±1,6
Carneira II	60-70	TL	Sílex	10,5±7
CPM		TL	Sílex	14,1±1,1
Lagoa do Bordoal	LEPT2	OSL	Quartzo	14,8±2,9

Figura 7 – Totalidade das datas TL e OSL para o Tardiglaciário português.

Cronologia	Estremadura	Vale do Côa	Bacia do Guadiana
Magdalenense Final - <i>Carneira</i>		Fariseu	Malhada do Mercador ?
Magdalenense Final - <i>Rossio do Cabo</i>	Abrigo 1 Vale Covões / Lapa dos Coelhos		
Magdalenense Superior	CPM I / Abrigo 1 Vale Covões / Lapa dos Coelhos		Monte da Ribeira ?
Magdalenense Médio			
Magdalenense Antigo	CPM I		Monte da Ribeira ?

Figura 8 – Correlação entre cronologia e região dos sítios estudados.



Cabeço de Porto Marinho I - Nível Inferior

### Magdalenense antigo

- Lamelas rectangulares (> 40%)
- O retoque regulariza o bordo
- Baixa percentagem de *lamelas de buril* (<10%)
- Retoque por percussão directa mineral ou *raclage* com haste ou osso para as peças mais finas



Lapa dos Coelhos - US4

### Magdalenense superior

- Pontas de dorso e lamelas apontadas (>25%)
- Lamelas rectangulares ainda frequentes
- > 40% sobre *lamelas de buril*
- Retoque por percussão directa mineral ou *raclage* com haste ou osso para as peças mais finas



Lapa dos Coelhos - US3

### Magdalenense final

- Lamelas de dorso marginal ou de Areeiro (> 50%)
- Lamelas apontadas ou bi-apontadas frequentes
- > 20% sobre *lamelas de buril*
- Retoque por percussão directa mineral ou *raclage* com haste ou osso para as peças mais finas



Fariseu - US4

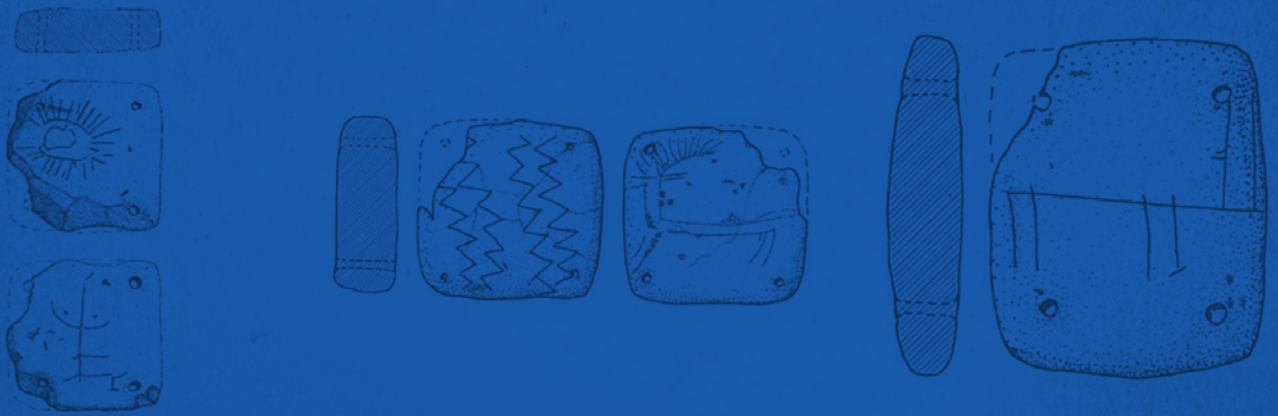
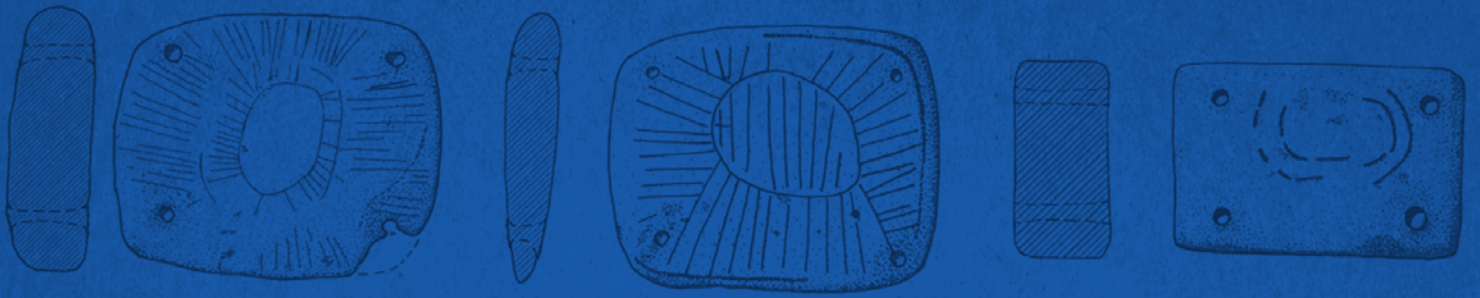
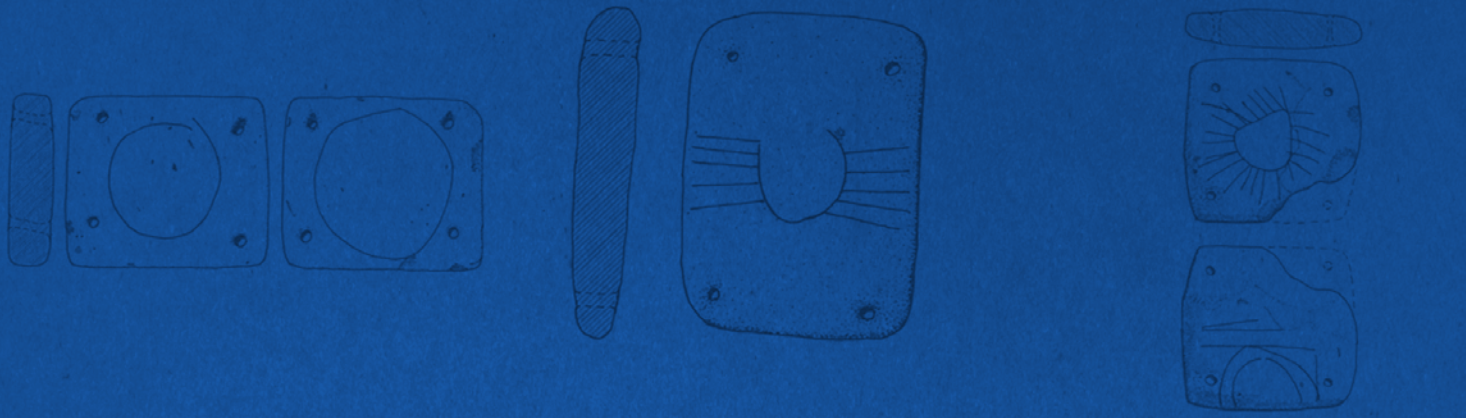
### Magdalenense final

- Grande variabilidade de pontas de dorso e lamelas apontadas (fusiformes, pontas de dorso curvo e pontas de Malaurie)
- Geométricos
- Lamelas de dorso marginal ou de Areeiro
- Retoque por percussão directa mineral ou *raclage* com haste ou osso para as peças mais finas e um caso de retoque por pressão no Fariseu



Figura 9 – Características gerais das armaduras líticas durante o Magdalenense.





**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
bcp

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL

  
Parques de Sintra  
Monte da Lua